

Valor Econômico, 30 de Dezembro de 2022

Cenário fiscal difícil sugere atividade mais contida em 2023

Projeções para alta do PIB no ano que vem se mantêm na mediana de 0,7%, mas onda de revisões já começou

Por: Marcelo Osakabe e Marsílea Gombata

A tramitação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Transição e as expectativas em torno da equipe de governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva desencadearam forte piora das perspectivas fiscais nesse fim de ano. Economistas passaram a prever maior inflação e abandonaram a perspectiva de redução da taxa básica de juros em meados de 2023 - o cenário base agora é que os juros baixem apenas no fim do ano ou até depois disso. Apesar de as projeções para o Produto Interno Bruto (PIB) no ano que vem terem sofrido poucas revisões até o momento, analistas ainda debatem como se darão os efeitos da prometida expansão de gastos do novo governo sobre a economia.

A mediana das estimativas de 114 instituições financeiras e consultorias consultadas pelo Valor para o PIB de 2023 segue em 0,7%, mesmo patamar da última pesquisa, do fim de novembro. Nesse período, ao menos 20 casas rebaixaram suas projeções, refletindo maior preocupação com a questão fiscal e a perspectiva de que a taxa Selic demore mais para voltar a cair.

Outras 22 reviram para cima suas estimativas. Neste caso, houve contribuição da atualização do cálculo do PIB de 2020 e 2021 pelo Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE). Os valores atualizados implicaram uma herança estatística - isto é, assumindo taxa de variação anual nula - para as projeções de 2022 e 2023. A mediana das projeções para o crescimento neste ano passou de 2,8% para 3,0%.

Armando Castelar, coordenador da área de economia aplicada do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre), afirma que em 2023 haverá um arrefecimento do que foi bom em 2022. E alerta para riscos advindos da incerteza fiscal.

“Há uma incerteza bastante grande em 2023. O que vai acontecer com esse pacote fiscal não é trivial”, diz. “No próximo ano teremos ainda juros altos segurando crédito, a construção civil que ajudou neste ano perdendo gás, e famílias mais endividadas.”

A expectativa é de menos impulso da demanda doméstica e um cenário de redução de juros menos provável. “2023 será mais difícil do que 2022. Em parte, porque estamos trabalhando perto do limite da capacidade. E o Banco Central está subindo juros para desacelerar a economia e controlar a inflação. O complicador é a política fiscal expansionista”, diz Castelar. “De um lado, pisa-se no acelerador. De outro, no freio. E uma coisa atrapalhará a outra.”

Link para a matéria original:
<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/12/30/cenario-fiscal-dificil-sugere-atividade-mais-contida-em-2023.ghtml>